

FICHA TÉCNICA

Título original: *Conclave*

Autor: *Robert Harris*

Copyright © Canal K Limited 2016

Mapa © Darren Bennett 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Tiago Marques/Editorial Presença*

Fotografia da capa: *Colin Thomas*

Fotografia da contracapa: *plainpicture/Blue House Project*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 434 063/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

«Considerarei mais prudente não comer com os cardeais. Comia no meu quarto. À décima primeira votação, fui eleito papa. Ó Jesus, também eu posso dizer o que Pio XII disse quando foi eleito: “Apiedai-Vos de mim, Senhor, de acordo com a Vossa grande misericórdia.” Dir-se-ia que é como um sonho, e, no entanto, até ao dia da minha morte, é a realidade mais solene de toda a minha vida. Por isso, estou pronto, Senhor, “a viver e a morrer convosco”. Cerca de trezentas mil pessoas aplaudiram-me na varanda de São Pedro. As luzes impediam-me de ver algo mais do que uma massa informe e palpitante.»

PAPA JOÃO XXIII, ENTRADA DE DIÁRIO,
28 DE OUTUBRO DE 1958

«Eu era solitário antes, mas agora a minha solidão torna-se completa e assombrosa. Daí as tonturas, como vertigens. Como uma estátua num pedestal — é assim que vivo agora.»

PAPA PAULO VI

MAPA DO CONCLAVE

JARDINS DO VATICANO

PALÁCIO DE GOVERNATORATO

IGREJA DE SANTO ESTÊVÃO

PRAÇA DE SANTA MARTA

PALÁCIO DE SÃO CARLOS

CASA DE SANTA MARTA

Via delle Fondamenta

BASÍLICA DE SÃO PEDRO

Cortile della Sentinella

Cortile Borgia

CAPELA SISTINA

Sala Régia

Capela Paulina

PALÁCIO
APOSTÓLICO

Cortile del
Pappagalli

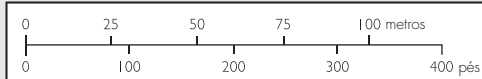
Cortile del
Maresciallo

PRAÇA
DE SÃO PEDRO

PALÁCIO DO
SANTO OFÍCIO

R O M A

--- Fronteira internacional
— Muralha da cidade



Sede Vacante

O cardeal Lomeli saiu do seu apartamento no Palácio do Santo Ofício pouco antes das duas da madrugada e apressou-se a atravessar os claustros às escuras do Vaticano na direção dos aposentos do papa.

Ia a rezar: *Ó Senhor, ele ainda tem tanto a fazer, enquanto toda a minha obra útil ao Vosso serviço está concluída. Ele é amado, ao passo que eu sou esquecido. Poupei-o, Senhor. Poupei-o. Levai-me antes a mim.*

Trepou a encosta empedrada em direção à praça de Santa Marta. O ar de Roma estava suave e nebuloso, mas ele já conseguia detetar o primeiro frio ténue do outono. Chovia ligeiramente. O prefeito da Casa Pontifícia soara tão em pânico ao telefone que Lomeli esperava deparar-se com uma cena de pandemónio. De facto, a *piazza* estava insolitamente silenciosa, para além de uma ambulância solitária estacionada a uma distância discreta, recortada em silhueta contra o flanco sul iluminado da Basílica de São Pedro. A luz interior da ambulância estava acesa, com os limpa-para-brisas a deslizarem para um lado e para o outro, suficientemente perto para que lhe fosse possível divisar os rostos do condutor e do seu assistente. O condutor estava a falar ao telemóvel e Lomeli pensou chocado: *Eles não vieram para transportar um homem doente para o hospital, vieram para levar embora um cadáver.*

Na entrada de portas de vidro da Casa de Santa Marta, o guarda suíço saudou-o, levando uma mão de luva branca ao capacete de pluma vermelha.

— Vossa Eminência.

Lomeli, acenando na direção da ambulância, disse:

— Não se importa de se assegurar de que aquele homem não está a telefonar aos meios de comunicação?

A residência tinha um ar austero, assético, como o de uma clínica particular. No átrio de mármore branco, encontravam-se uma dúzia de padres, três de roupão, assarapantados como se tivesse soado um alarme de incêndio e eles não soubessem ao certo qual o procedimento a seguir. Lomeli hesitou no limiar, sentiu algo na mão esquerda e viu que estava a agarrar o seu solidéu vermelho. Não se lembrava de ter pegado nele. Desdobrou-o e pô-lo na cabeça. Tinha o cabelo húmido ao toque. Um bispo, um africano, tentou intercetá-lo quando ele se dirigia para o elevador, mas Lomeli limitou-se a acenar na sua direção e continuou a andar.

O elevador demorou séculos a chegar. Devia ter ido pelas escadas, mas sentia demasiada falta de ar. Pressentia que os outros estavam a olhar-lhe para as costas. Deveria dizer alguma coisa. O elevador chegou. As portas abriram-se. Ele virou-se e ergueu a mão num gesto de bênção.

— Rezem — disse.

Premiu o botão para o segundo andar; as portas fecharam-se e ele começou a subir.

Se é Vossa vontade chamá-lo à Vossa presença e deixar-me cá, concedei-me então a força para ser uma rocha para os outros.

No espelho, por baixo da luz amarela, o seu rosto cadavérico estava macilento e manchado. Ansiava por um sinal, por alguma infusão de força. O elevador parou abruptamente com uma sacudidela, mas o seu estômago pareceu continuar a subir, e ele teve de agarrar a barra de metal para se equilibrar. Lembrava-se de subir com o Santo Padre naquele mesmo elevador, cedo no seu papado, e de dois monsenhores terem entrado. Imediatamente tombaram sobre os joelhos, atordoados por se verem frente a frente com o representante de Cristo na Terra, ao que o papa riu e disse:

— Não vos preocupeis, levantai-vos, eu sou só um velho pecador, não sou melhor do que vós...

O cardeal ergueu o queixo. A sua máscara pública. As portas abriram-se. Um cortinado espesso de fatos escuros apartou-se para o deixar passar. Ouviu um agente segredar contra a manga:

— O decano chegou.

Diagonalmente, do outro lado do patamar, à porta do apartamento papal, encontravam-se três freiras, membros da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, de mãos dadas e a chorar. O arcebispo Wozniak, o prefeito da Casa Pontifícia, avançou ao seu encontro. Por trás dos óculos de armação metálica, os seus olhos cinzentos marejados de lágrimas estavam inchados. Ergueu a mão e disse, impotente:

— Eminência...

Lomeli tomou as faces do arcebispo entre as suas mãos e fez uma pressão delicada. Sentia a barba do homem mais jovem.

— Janusz, a sua presença tornou-o muito feliz.

Em seguida, outro guarda-costas, ou talvez fosse um cangalheiro — ambas as profissões se vestiam de modo muito semelhante —, fosse como fosse, outra figura de negro abriu a porta do apartamento.

A pequena sala de estar e o quarto de dormir ainda mais pequeno para além dela estavam apinhados de gente. Mais tarde, Lomeli faria uma lista e lembrar-se-ia de mais de uma dúzia dos nomes das pessoas presentes, sem contar com os elementos da segurança — dois médicos, dois secretários particulares, o mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias, cujo nome era arcebispo Mandorff, pelo menos quatro padres da Câmara Apostólica, Wozniak e, claro, os quatro cardeais seniores da Igreja Católica: o secretário de Estado, Aldo Bellini; o camerlengo — ou chanceler — da Santa Sé, Joseph Tremblay; o cardeal penitenciário-mor, ou confessor-chefe, Joshua Adeyemi; e ele próprio, na sua qualidade de decano do Colégio dos Cardeais. Na sua vaidade, imaginara que fora o primeiro a ser chamado; de facto, via agora, fora o último.

Seguiu Wozniak para dentro do quarto. Era a primeira vez que via o seu interior. Antes, a grande porta dupla estivera sempre fechada. O leito papal renascentista, com um crucifixo acima dele na parede, estava de frente para a sala de estar. Ocupava quase todo o espaço — era quadrado, de um pesado carvalho envernizado, demasiado grande para o quarto. Proporcionava o único toque de grandiosidade. Bellini e Tremblay estavam de joelhos ao lado dele, com as cabeças baixas. Lomeli teve de saltar por cima da parte de trás das suas pernas para chegar até às almofadas onde o

papa se encontrava deitado, ligeiramente soerguido, com o corpo ocultado pela colcha branca e as mãos cruzadas no peito acima da sua simples cruz peitoral de ferro.

Lomeli não estava acostumado a ver o Santo Padre sem óculos. Eles estavam dobrados em cima da mesa de cabeceira, ao lado de um despertador de viagem velho. A armação dos óculos deixara marcas vermelhas, como beliscões, de ambos os lados da cana do seu nariz. Frequentemente, os rostos dos mortos, na experiência de Lomeli, eram flácidos e estúpidos. Mas aquele parecia alerta, quase divertido, como se tivesse sido interrompido a meio de uma frase. Quando se debruçou para beijar a testa do papa, reparou num leve vestígio de pasta dos dentes no canto esquerdo da boca dele e sentiu o cheiro a hortelã-pimenta e o leve perfume de um champô floral.

— Porque é que Ele vos chamou a Si quando havia ainda tanto que queríeis fazer? — segredou.

— *Subvenite, Sancti Dei...*

Adeyemi começou a entoar a liturgia. Lomeli deu-se conta de que tinham estado à sua espera. Baixou-se cuidadosamente para se ajoelhar no chão de parquê envernizado, uniu as mãos em concha numa atitude de oração e pousou-as no lado da colcha. Encostou o rosto às palmas das mãos.

— *... occurrite, Angeli Domini...*

Vinde em seu auxílio, Santos de Deus; vinde ao seu encontro, Anjos do Senhor...

A voz de baixo profundo do cardeal nigeriano reverberava pelo minúsculo quarto.

— *... Suscipientes animam eius. Offerentes eam in conspectu Altissimi...*

Recebei a sua alma e levai-a à presença do Senhor...

As palavras zuniam na cabeça de Lomeli sem significado. Aquilo acontecia cada vez mais frequentemente. *Eu chamo-Vos, Deus, mas Vós não respondeis.* Alguma espécie de insónia espiritual, uma espécie de interferência ruidosa, invadira-o sub-repticiamente ao longo do ano anterior, negando-lhe aquela comunhão com o Espírito Santo que conseguira em tempos obter naturalmente. E, tal como no sono, quanto mais ansiava pela oração significativa, tanto mais esquiva ela se tornava. Ele confessara a sua crise ao papa no seu encontro

final — pedira-lhe autorização para sair de Roma, abandonar os seus deveres como decano e retirar-se para uma ordem religiosa. Tinha setenta e cinco anos, a idade da aposentação. Mas o Santo Padre fora inesperadamente duro para com ele.

— Alguns são escolhidos para serem pastores e outros são necessários para gerirem a quinta. O seu papel não é pastoral. Não é um pastor. É um gestor. Pensa que é fácil para mim? Preciso de si aqui. Não se preocupe. Deus regressará a si. Regressa sempre.

Lomeli sentiu-se magoado — *Um gestor, é assim que ele me vê?* — e houve uma frieza entre eles quando se despediram. Foi a última vez que o viu.

— ... *Requiem aeternam dona ei, Domine: et lux perpetua luceat ei...
Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso nos esplendores da luz perpétua...*

Depois de a liturgia ser recitada, os quatro cardeais mantiveram-se à volta do leito de morte em oração silenciosa. Ao fim de uns minutos, Lomeli virou ligeiramente a cabeça e entreabriu os olhos. Por trás deles na sala de estar, todas as pessoas estavam de joelhos, com as cabeças baixas. Voltou a encostar o rosto às mãos.

Entristecia-o pensar que a sua longa convivência com o papa tivesse terminado em tal nota. Tentou recordar-se de quando acontecera. Há duas semanas? Não, há um mês — 17 de setembro, para ser exato, depois da missa para comemorar a Impressão das Chagas de São Francisco —, o período mais longo que passara sem uma audiência particular desde que o papa fora eleito. Talvez o Santo Padre já tivesse começado a pressentir que a morte se aproximava e que a sua missão ficaria por completar; talvez isso explicasse a sua irritação incaracterística?

O quarto estava mergulhado num silêncio profundo. Lomeli perguntou-se quem seria o primeiro a interromper a meditação. Supunha que seria Tremblay. O canadiano francófono andava sempre apressado, como um típico norte-americano. E de facto, depois de mais alguns momentos, Tremblay suspirou — uma exalação prolongada, teatral, quase de êxtase.

— Ele está com Deus — disse, e estendeu os braços.

Lomeli julgou que ele ia fazer um sinal de bênção, mas o seu gesto era antes um sinal a dois dos seus assistentes da Câmara

Apostólica, que entraram no quarto e o ajudaram a pôr-se de pé. Um deles trazia uma caixa de prata.

— Arcebispo Wozniak — disse Tremblay, quando todas as pessoas começavam a pôr-se de pé —, teria a bondade de me trazer o anel do Santo Padre?

Lomeli ergueu-se, com os joelhos a darem estalidos depois de sete décadas de constante genuflexão. Encostou-se à parede para deixar passar o prefeito da Casa Pontifícia. O anel não saiu facilmente. O pobre Wozniak, a transpirar com o embaraço, teve de tentar fazê-lo deslizar, para cima e para baixo, para passar do nó do dedo. Mas por fim soltou-se e ele levou-o na palma da mão estendida a Tremblay, que tirou uma tesoura da caixa de prata — o tipo de ferramenta que poderia usar-se para podar roseiras, pensou Lomeli — e inseriu o selo do anel entre as lâminas dela. Premiu com força, fazendo uma careta com o esforço. Houve um súbito estalido e o disco metálico que representa São Pedro a puxar a rede de pesca foi cortado.

— *Sede vacante* — anunciou Tremblay. — O trono da Santa Sé está vago.

*

Lomeli passou alguns minutos a fitar o leito numa despedida contemplativa e em seguida ajudou Tremblay a pousar um fino véu branco sobre o rosto do papa. A vigília desfez-se e formaram-se grupos a falar num murmúrio.

Ele voltou para a sala de estar. Perguntava-se como o papa podia ter suportado aquilo, ano após ano — não só o viver rodeado por guardas armados, mas também aquele lugar. Cinquenta metros quadrados anónimos, mobilados de acordo com o rendimento e o gosto de algum caixeiro-viajante mediano. Não havia nada de pessoal ali. Paredes e cortinados de uma pálida cor de limão. Um chão de parquê para ser fácil de limpar. Uma mesa comum, uma secretária, mais um sofá e dois cadeirões forrados de um tecido lavável azul. Até mesmo o genuflexório de madeira escura era idêntico a uma centena de outros na residência. O Santo Padre vivera ali quando era cardeal, antes do conclave que o elegera papa,

e nunca chegara a mudar-se: um olhar ao luxuoso apartamento a que tinha direito no Palácio Apostólico, com a sua biblioteca e a sua capela particular, fora o suficiente para o fazer fugir a sete pés. A sua guerra com o Vaticano da velha guarda começara ali mesmo, naquela questão, no seu primeiro dia. Quando alguns dos chefes da Cúria objetaram à sua decisão por não a considerarem apropriada à dignidade de um papa, ele citou-lhes, como se eles fossem ainda uns alunos garotos, a instrução de Cristo aos seus discípulos: «Nada leveis convosco para o caminho, nem bordões, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem tendes duas túnicas.» A partir desse momento, sendo humanos, sentiam o seu olhar reprovador sobre eles de cada vez que voltavam para os seus grandiosos apartamentos oficiais; e, sendo humanos, sentiam ressentimento.

O secretário de Estado, Bellini, estava de pé junto à secretária, de costas para o quarto. O seu mandato terminara com o quebrar do Anel do Pescador, e o seu corpo alto, magro, ascético, usualmente com um porte ereto como um choupo da Lombardia, parecia ter-se quebrado juntamente com ele.

Lomeli disse:

— Meu caro Aldo, lamento muito.

Viu que Bellini estava a examinar o tabuleiro de xadrez de viagem que o Santo Padre costumava trazer na sua pasta. Estava a passar o indicador comprido e pálido sobre as minúsculas peças de plástico vermelho e branco. Estavam apinhadas intrincadamente no centro do tabuleiro, presas nalguma abstrusa batalha agora destinada a nunca ser resolvida. Bellini disse, nervosamente:

— Pensa que alguém se importaria se eu levasse isto, como recordação?

— Tenho a certeza que não.

— Costumávamos jogar com bastante frequência ao fim do dia. Ele dizia que o ajudava a relaxar.

— Quem ganhava?

— Ele. Sempre.

— Leve-o — instou Lomeli. — Ele gostava mais de si do que de qualquer outra pessoa. Queria que ficasse com o tabuleiro de xadrez. Leve-o.